

PANORAMA POLÍTICO



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Senado Federal

Fogo no feijão

• Bom de garfo, o presidente Lula não deve ter tido indigestão ontem, como desejou o senador tucano Álvaro Dias, mas o subproduto imediato de seu jantar com senadores da oposição será um aumento do clima de confronto no Senado. A iniciativa irritou o PFL e o PSDB, aborreceu profundamente o PMDB e desconcertou setores do PT. O esforço concentrado da semana pode dar em nada.

Ainda assim, apesar da inconveniência do momento, há quem veja no gesto ousado uma tentativa de acelerar definições que favoreçam a construção da maioria no Senado.

Com a fervura eleitoral altíssima, a oposição ganhou argumento para acusar o governo de tentar dividi-la. E estando o senador Antonio Carlos Magalhães no centro desta articulação, inevitavelmente ela foi percebida como também destinada a garantir a reeleição de seu amigo José Sarney, presidente do Senado. Renan Calheiros e seus aliados do PMDB estavam indóceis ontem. O senador Arthur Virgílio, líder do PSDB, que já tem o estopim curto, chegou a Brasília com uma só preocupação: saber se seu colega do Tocantins, Eduardo Siqueira Campos, iria mesmo ao jantar. Quando o ministro Aldo Rebelo, da Coordenação Política, convidou o líder do PFL, José Agripino Maia, para almoçarem hoje em torno de um prato de PPPs, ouviu um educado não: de trabalho poderiam tratar numa reunião de gabinete, dispensada a cortesia do almoço.

A maior estocada é mesmo no PFL, que segundo seus dirigentes, tomará uma atitude mais ou menos drástica em relação aos comensais, a depender do tom usado por eles depois do jantar. Alguns procuraram os hierarcas para dizer que não iriam. Foi o caso de Paulo

Octávio (DF) e de Romeu Tuma (SP). Mas sabem também os líderes do PFL que o jantar explicita um processo de cooptação que já está muito avançado, pelo menos em relação a ACM. Está no ar um projeto de rearmagem partidária, que levaria para uma mesma sigla aliados dispersos do governo: quase todo o PP, alguns pefelistas e pelo menos um tucano. Por isso havia também ontem uma outra leitura para o episódio aparentemente insensato. ACM e Lula teriam marcado o jantar não por inabilidade mas com o propósito de acirrar as contradições internas, aglutinar a dissidência e acelerar o realinhamento.

O subproduto inicial pode ser negativo mas no médio prazo estariam sendo criadas as condições para a estruturação da maioria no Senado. O esforço parlamentar da semana de todo modo já parecia perdido. Na Câmara, dificilmente haverá quórum. E no Senado, ainda falta consenso sobre os dois temas em pauta — Lei de Biossegurança e Lei de Informática. Pelo menos o primeiro deve acabar sendo objeto de medida provisória para atender à urgência dos agricultores que vão plantar a soja transgênica no Sul.

Há algum sentido na segunda leitura, embora Lula não seja muito chegado ao maquiavelismo. Mas ACM, parceiro na empreitada, é especialista.